

INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL	
Data	1 / 1
Cod.	14D06252

10

ESTEREÓTIPOS RACIAIS ENVOLVIDOS NO RELACIONAMENTO  
 HOMEM CIVILIZADO E OS INDÍGENAS BRASILEIROS

Pesquisa de Opinião Pública  
 Amostra da População de Brasília-DF  
 - 1987 -

*Arquivo de Opinião Pública*

## 1 - I N T R O D U Ç Ã O

No estudo das interações entre diversas etnias, observa-se que, os membros de um grupo, sem qualquer razão justificada, começam a mostrar "antipatia", "desprezo" ou "hostilidade" contra membros de outros grupos, provocando reação semelhante nos discriminados.

O ressentimento e a desconfiança deste último grupo, gera no grupo dos discriminadores, a certeza de suas percepções iniciais, reforçando os preconceitos. Cria-se um círculo vicioso e as condutas discriminatórias são cristalizadas. Na maioria das vezes os estereótipos raciais são o início deste ciclo destrutivo e este é o foco do interesse deste estudo.

Esta monografia pretende descrever as anotações realizadas durante a aplicação de uma pesquisa de opinião pública em uma pequena amostra da população de Brasília-DF, enfocando os estereótipos raciais envolvidos no relacionamento, homem civilizado e os indígenas brasileiros.

A amostra foi constituída das seguintes categorias: 20 operários da indústria do Distrito Federal, homens e mulheres, distribuídos na faixa etária de 20 a 40 anos; 20 moradores do Lago Sul, cujo status econômico e social é notadamente o mais alto de Brasília; 20 Jornalistas Profissionais, formadores de opinião pública, representantes dos mais diversos veículos de comunicação do país; 20 Deputados e Senadores da República, participantes da constituinte, definidora dos destinos inclusive das Nações Indígenas Brasileiras e, finalmente, 20 funcionários do órgão da execução da política indigenista governamental, a Fundação Nacional do Índio - FUNAI.

Tendo em vista o tamanho pouco significativo da amostra de 100 questionários, numa população de pouco mais de 01 milhão de habitantes, faz-se necessário interpretar as descobertas aqui feitas, sobre o ponto de vista muito mais de uma aproximação do problema, do que de conclusões definitivas.

Por outro lado, este trabalho tem como objetivo básico, prestar-se como monografia, que possa vir a habilitar seu autor, ao curso de mestrado em Antropologia da Universidade de Brasília no ano letivo de 1988.

## 2 - O PRECONCEITO E O ESTEREÓTIPO

A hostilidade, o conflito, a discriminação e o ódio de um membro de um grupo qualquer, com relação a um indivíduo de outro grupo, tendo como motivo, somente a cor de sua pele, sexo, idioma ou opinião política, caracteriza o fenômeno do preconceito racial.

Basicamente, o preconceito é um juízo de valor que um indivíduo faz de outro, a partir, não de constatação pessoal e individual, mas, tão somente, de generalizações feitas pelo fato deste indivíduo pertencer a outra determinada categoria social.

Ao estudar as raças e as doutrinas racistas, o sociólogo guatemalteco Luiz Recaséns Siches, observa que: Em experimentações realizadas no jardim de infância ou na escola primária, com crianças dos mais variados grupos étnicos, constatou-se que <sup>os</sup> os mesmos não sentem preconceito de cor, sexo, classe social ou qualquer outro, para com os companheiros.

À medida em que as crianças vão passando para salas de aulas mais avançadas, começam a aparecer receios, conflitos e discriminações, adquiridos através de suas famílias e outros ambientes sociais.

"Essas atitudes de preconceito e hostilidades, não são espontâneas, mas, aprendidas. Todas as formas de preconceito foram aprendidas, ou nasceram artificialmente. Com efeito, a atitude dos adultos, exerce uma grande influência na criança para adoção de hábitos de simpatia ou de antipatia relativamente a certas pessoas..." É a conclusão a que chega Recaséns Siches. (1)

Ao aprofundar-se no estudo dos preconceitos o sociólogo constata ainda que são três os fatores que geram precon

Os veículos modernos de comunicação como o rádio e principalmente a televisão, são os responsáveis pela difusão dos destes preconceitos e sua força se impõe subliminarmente em forma de doutrinação.

O processo de formação de um estereótipo, geralmente passa por uma má ação cometida por um indivíduo de um determinado grupo e todos os membros deste grupo são julgados por esta ação.

Outra forma de geração de um estereótipo é o fato de que; alguns grupos étnicos escravizados durante muito tempo e, obrigados a realizar~~(em)~~ trabalhos degradantes, ficam marcados como grupos inferiores, exatamente pela sua tipologia ocupacional.

O estereótipo é, então, transmitido como alguma coisa aceita por todos sem questionamento.

Ao estudar os estereótipos raciais que envolvem os contatos entre os brancos e negros na Bahia, Thales de Azevedo, em 1952, percebeu que, um certo número de respondentes de um questionário de qualidade, tiveram dificuldade em classificar os negros como trabalhadores, pois, se impunha uma confusão semântica entre o "homem que trabalha", do "indivíduo mais apto para o trabalho".

Uma terceira forma de geração de um preconceito e estereótipos raciais, é o conflito de interesses.

Um bom exemplo disto, é a estratégia dos colonizadores europeus, que, à procura de especiarias do Novo Mundo, necessitavam de mão-de-obra servil, para trabalhar nas minas e nas plantações das terras descobertas. Os colonizadores armaram toda uma trama de justificativas para esta exploração, que passava pela superioridade racial dos brancos, até as distinções morais e inte

lectuais entre os europeus, cristãos e civilizados, e, do outro lado, os bárbaros, selvagens, pagãos, a serem convertidos pelos padres jesuitas.

Serafim Leite, em, História da Companhia de Jesus no Brasil, citado em Azevedo, Op.cit. afirma que: "A volumosa correspondência enviada pelos jesuitas à seus superiores, descreve com detalhes, as relações entre os missionários e os aborígenes, suas atitudes e reações aos esforços de doutrinação dos padres. As impressões destes, sobre os indígenas, podem se resumir nas opiniões do Padre Manoel da Nóbrega, que; em menos de 10 dias de convívio com os índios, já enviava ao provincial da Companhia de Jesus em Portugal, uma carta, onde manifestava suas conclusões".

"...Eram tão brutos que nem vocábulos tinham para exprimir as noções de fé, de rei e de lei. Não tinham religiões mas, somente superstições, não tinham organização política, por isso lhes faltava uma autoridade central..."

E continua :

"...Os naturais do Brasil, eram gente que nenhum conhecimento tem de Deus, nem de ídolos, que nada sabem de glória, nem de inferno, acreditando, que apenas depois de morrer vão desconsar em um bom lugar ..." (3)

Em outros documentos eles se referiam aos índios como "não muito domésticos, rudes, incultos e inclinados sempre para o mal e a sensualidade".

Finalmente, é bastante conhecida a capacidade de um estereótipo influir em comportamentos e atitudes de membros de categorias sociais diferentes, gerando tensões e conflitos intergrupais e mesmo entre comunidades internacionais.

Este trabalho, pretende chamar a atenção para este problema, sem contudo tentar esgotá-lo. A nação brasileira está definindo os destinos das comunidades indígenas através da Constituinte e, necessariamente, exponstaneamente, estaremos elaborando normas e leis, sob a égide de alguns preconceitos e estereótipos raciais que carregamos, provavelmente, por sabermos muito pouco sobre os costumes e a vida dos indígenas.

Sabemos mais o que dizem os filmes sobre a colonização do Oeste americano e as atitudes que aqueles indígenas assumem em seus contatos com os civilizados, do que a exaltação da "Bondade Natural do Índio" louvada pela literatura romântica de José de Alencar; no Brasil do século passado.

Ambas as percepções, são faces de uma mesma moeda, o estereótipo racial.

Para se obter um melhor conhecimento do problema do estereótipo racial que envolve o indígena brasileiro, estruturamos um pequeno "survey", que passamos a descrever, em seus aspectos metodológicos.

### 3 - M E T O D O L O G I A

Brasília, por suas características de capital de um extenso país e, que reúne uma população composta de egressos de todas as unidades federativas; bem como, de representantes da comunidade internacional - sede das embaixadas - é um perfeito laboratório para testes e estudos de população.

A tentativa de se conhecer os estereótipos raciais que estão envolvidos no relacionamento, homem branco e o indígena brasileiro, não poderia ter um melhor cenário. Além desta heterogeneidade desejável em uma amostra, em Brasília existem características importantes, que favorecem a determinação do público alvo a ser pesquisado. Em primeiro lugar, é em Brasília que se localiza a sede do órgão responsável por toda a política governamental para o índio, a Fundação Nacional do Índio - FUNAI. Em segundo lugar, por ser a sede do governo, com alguma facilidade, poderiam ser tomados depoimentos dos responsáveis pela elaboração da nova Constituição Brasileira. Pelo mesmo motivo, a grande imprensa nacional se acha reunida na capital da república.

Por outro lado, as grandes contradições da população brasileira, tais como: renda, nível de instrução, status social, etc, encontram em Brasília uma perfeita síntese de um modelo matemático, pois, convivem a pouco mais de 20 km de distância, os moradores do Lago Sul, provavelmente a maior renda per capita por metro quadrado do país, e os habitantes das Cidades Satélites onde de enormes diferenças são claramente percebidas.

Como já dizemos na introdução deste trabalho, o tamanho pouco significativo da amostra, somente 100 questionários, apesar de não invalidar os resultados da pesquisa, restringem sua ambição em apontar verdades incontestáveis.

Sabemos , que o requisito essencial do trabalho de pesquisa do antropólogo é conquistar a confiança de seus entrevistados, ao passo que por exemplo, o do economista é garantir a confiança estatística de sua amostra..."Enquanto o economista se preocupa em manter sob controle a amplitude, dispersão e uniformidade dos dados colhidos, o antropólogo preocupa-se em controlar as condições nas quais se processe seu contato com os grupos investigados, procurando as melhores vias de entrada no campo e atentando para as implicações dos seus vínculos sociais e institucionais, avaliando, assim, as consequências para a qualidade das informações, do modo como é visto pela comunidade..." (4)

Estas foram algumas das nossas preocupações neste trabalho ao compor a amostra. Levamos em conta preponderantemente, o papel do entrevistador.

Os Constituintes e representantes da grande imprensa, foram abordados por um jornalista credenciado pelo Congresso Nacional, pessoa bastante conhecida e com fácil trânsito entre os participantes da pesquisa. Entre os 20 Constituintes entrevistados, alguns eram presidentes de Partidos Políticos, Líderes Nacionais e membros de todas as correntes atuantes no Congresso Nacional, desde os Partidos Comunistas de Extrema-Esquerda , até os grupos e sub-grupos mais conservadores, representantes do empresariado industrial e da oligarquia rural brasileira.

Os habitantes do Lago Sul, foram entrevistados por uma socióloga, moradora em uma de suas quadras, que, em clima de bastante confiança, aplicou os questionários a seus próprios vizinhos de rua.

Os operários da indústria, foram abordados por uma estagiária, estudante de Antropologia da Universidade de Bra

sília, que trabalha especificamente, com operários no Serviço Social da Indústria, SESI, do Distrito Federal.

Os funcionários da FUNAI, foram entrevistados por nós mesmos, em seu próprio ambiente de trabalho, após apresentação informal da área de Recursos Humanos da empresa.

Na FUNAI, a mostra foi constituída de alguns Chefes de Setor, Topógrafos, Administradores de Empresas, Economistas, Engenheiros, Desenhistas, Motoristas, Secretárias, Recepcionistas e Funionários Administrativos que mantêm constantes contatos com os índios.

Foram evitados os antropólogos e sociólogos que trabalham diretamente com os índios, porque, os mesmos têm um juízo de valor formado sobre os indígenas, embasado em conhecimento acadêmico e científicos, o que foge aos objetivos da pesquisa de estereótipos, os quais são encontrados mais comumente na população em geral.

Os objetivos da pesquisa foram explicitados antes de cada entrevista e, muito embora, não se tenha dito a nenhum dos entrevistados, que o foco único do interesse era os indígenas, perguntou-se a opinião de cada um, sobre oito diversas etnias e grupos sociais.

O questionário para a coleta de estereótipos sobre os índios, para não chamar atenção unicamente para este grupo, solicitava também opiniões sobre os brasileiros em geral, sobre os americanos, judeus, portugueses, argentinos, negros e japoneses. (5)

Assim, esta pesquisa não se esgota neste relatório, uma vez que, os dados das diversas etnias, continuam disponíveis para serem trabalhados em outra oportunidade esclarecendo com

ponentes importantes dos preconceitos raciais do brasileiro nos dias atuais, com referência aos grupos raciais mais diretamente relacionados.

Acreditamos que o emprego de questionário, limita em muito o processo de interação entre o entrevistador e o entrevistado, porém, foi o método utilizado nesta pesquisa e teve como objetivo, abreviar o tempo das enquetes, uma vez que, tempo, era um fator preponderante ao se tentar ouvir, por exemplo, alguns Deputados e Senadores.

O processo de contato com o entrevistado, também foi alterado para um método bastante semelhante ao utilizado pelos jornalistas profissionais, de forma a facilitar a coleta de dados. Após a abordagem inicial explicitando dos objetivos da pesquisa, o entrevistado recebia uma listagem dos qualificativos a serem escolhidos logo após a pergunta: Qual destas qualidades você atribui aos brasileiros? Escolha somente 3 delas. O entrevistador registra em uma planilha as respostas e pergunta novamente a opinião do entrevistado para mais uma categoria e assim sucessivamente, até a última. Com este método, reduzimos a pouco mais de três minutos o tempo médio de cada entrevista, o que possibilitou realizar toda a pesquisa em somente dois dias.

Inicialmente, enumeramos um elenco de 40 qualificativos a serem escolhidos pelos entrevistados, oferecendo um maior leque de alternativas, para escolha dos juízos e opiniões sobre cada categoria pesquisada. Porém, num teste inicial com um número reduzido de entrevistados, constatamos que os mesmos tendiam a se confundir com o tamanho da lista, relendo os qualificativos várias vezes antes de opinar.

Deste primeiro teste, escolhemos os estereótipos mais apontados pelos participantes do experimento e os mesmos foram classificados em: "Apreciativos", "Neutros" e "Depreciativos".

Os atributos iniciais eram:

1-agressivos, 2-mal-educados, 3-delicados, 4-trabalhadores, 5-desonestos, 6-mentirosos, 7-pretenciosos, 8-simples, 9-imorais, 10-frios, 11-sujos, 12-asseados, 13-interesseiros, 14-otimistas, 15-supersticiosos, 16-desconfiados, 17-valentes, 18-covardes, 19-orgulhosos, 20-arrogantes, 21-submissos, 22-organizados, 23-vingativos, 24-tristes, 25-sensuais, 26-gananciosos, 27-grosseiros, 28-ordeiros, 29-alegres, 30-ignorantes, 31-sinceros, 32-empresendedores, 33-habilidosos, 34-traiçoeiros, 35-preguiçosos, 36-pouco-inteligentes, 37-inteligentes, 38-cruéis, 39-bondosos, 40-expansivos.

Da lista inicial de 40 qualificativos, ficamos reduzidos a apenas 12; 5 deles Apreciativos, 2 Neutros e 5 Depreciativos com os quais foi montado o questionário:

1-cruéis, 2-preguiçosos, 3-habilidosos, 4-sinceros, 5-alegres, 6-gananciosos, 7-organizados, 8-valentes, 9-desconfiados, 10-supersticiosos, 11-simples, 12-trabalhadores.

Reduzindo os qualificativos, abreviamos também o tempo de resposta ao questionário. Julgamos que, uma pesquisa mais aprofundada sobre Estereótipos Raciais, deva contemplar um número maior de qualificativos e uma amostragem de maior significância, porém para os objetivos do nosso trabalho, os resultados que ora se seguem, já são bastante elucidativos sobre o problema abordado.

#### 4 - OS DADOS DA PESQUISA

Após a tabulação dos dados da pesquisa, somente nas opções feitas para os índios, observamos na Tabela 1 atributos mais escolhidos pelas 5 categorias de entrevistados.

Constatamos que em quase todas as categorias dos respondentes, revelou-se a existência de quase os mesmos estereótipos. Por exemplo: existe unanimidade na atribuição dos estereótipos, supersticiosos e desconfiados, aos índios de modo geral e somente os jornalistas não concordam que eles sejam também preguiçosos.

Todas as categorias atribuíram aos índios a qualidade de simples, os funcionários da FUNAI e os operários, na sua maioria, não os consideram habilidosos e, somente estes últimos os atribuíram o estereótipo de cruéis.

Os moradores do Lago Sul, os Jornalistas e os Constituintes, tendem a atribuir qualificativos menos depreciativos para os índios, do que os funcionários da FUNAI e os operários.

Constatamos também que somente os jornalistas e os Constituintes, atribuíram maior importância ao qualificativo, valente para os índios. Os operários e os Constituintes, não os consideram sinceros.

Existe uma predominância de atributos depreciativos nos 6 mais frequentes da contagem geral; 112 depreciativos contra 71 apreciativos e 48 neutros.

Finalmente, é curioso ressaltar, que os funcionários da FUNAI, atribuem prioritariamente 25 qualificativos depreciativos para os índios, contra apenas 7 apreciativos e 12 neutros.

Passemos a uma análise mais detalhada dos dados da pesquisa. que para efeito de compreensão, foram compactados na Tabela 2.

TABELA 1 - ESTEREÓTIPOS MENCIONADOS POR MAIOR NÚMERO DE RESPONDENTES EM ORDEM DE FREQUÊNCIA; POR GRUPO:

OPERÁRIOS DA INDÚSTRIA	Nº	HABITANTES LAGO SUL	Nº	JORNALISTAS PROFISSIONAIS	Nº	CONSTITUINTES DEP/SENADORES	Nº	FUNCIONÁRIOS DA FUNAI	Nº
Supersticiosos	9	Habilidosos	10	Supersticiosos	12	Supersticiosos	17	Simple	12
Desconfiados	7	Preguiçosos	8	Simple	9	Valentes	15	Preguiçosos	10
Preguiçosos	7	Supersticioso	7	Habilidosos	8	Habilidosos	10	Desconfiados	10
Cruéis	5	Simple	7	Sinceros	8	Preguiçosos	6	Sinceros	7
Alegres	5	Sinceros	6	Valentes	7	Simple	4	Supersticiosos	5
Simple	5	Alegres	6	Desconfiados	6	Desconfiados	3	(Várias Escolhas)	

18

TABELA 2 - PESQUISA DE ESTEREÓTIPOS RACIAIS  
 NÚMERO E PERCENTAGEM DAS RESPOSTAS,  
 SEGUNDO CATEGORIAS, POR GRUPOS.

GRUPOS DE RESPONDENTES	APRECIATIVAS		NEUTRAS		DEPRECIATIVAS		TOTAL
	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº
Operários	20	33,33	10	16,66	30	50,00	60
Lago Sul	27	45,00	13	21,66	20	33,33	60
Jornalistas	26	43,33	13	21,66	21	35,00	60
Constituintes	28	46,66	05	8,33	27	45,00	60
FUNAI	16	26,66	15	25,00	29	48,33	60
TOTAL	117	39,00	56	18,66	127	42,33	300

Os operários atribuíram 50% de qualificativos Depreciativos para os Índios e somente 33% apreciativos. Entre as escolhas feitas por eles, atributos tais como: Alegres e Simples, que para efeito da pesquisa, foram classificados como Neutros, mereceram somente 16% das escolhas.

Os moradores do Lago Sul, contrariando esta tendência, atribuíram 45% de qualificativos positivos ou Apreciativos aos índios e somente 33% das escolhas Depreciativas. Se agregarmos os 45% dos apreciativos os 21% de atributos Neutros, teremos mais de 66% de qualificativos não Depreciativos escolhidos pelos moradores do Lago Sul, contra os 50% de Depreciativos escolhidos pelos operários, moradores das cidades satélites de Brasília

Os Jornalistas, mantiveram a mesma tendência dos moradores do Lago Sul e fizeram escolha de 43% de atributos Apreciativos. Pela mesma forma, 21% das escolhas foram atribuídas a qualificativos Neutros e 35% aos Depreciativos. É bastante significativa a semelhança entre as opiniões das duas categorias.

Os Constituintes, Deputados e Senadores, tendem entretanto a atribuir qualidades, tanto Apreciativas quanto Depreciativas quase no mesmo percentual, respectivamente, 46 e 45%. Os atributos Neutros, mereceram somente 8% das escolhas dos Constituintes.

Os funcionários da FUNAI foi a categoria entrevistada que menos atributos Apreciativos fez aos índios, somente 26%. Os atributos Neutros foram na percentagem de 25% do total das qualidades e mais de 48% das escolhas feitas, recaíram em estereótipos negativos e Depreciativos a respeito dos índios.

TABELA 3 - ESTEREÓTIPOS MENCIONADOS POR CATEGORIA DOS RESPONDENTES

QUALIDADES	OPERÁRIOS	LAGO SUL	JORNALISTAS	CONSTITUINTES	FUNAI	Nº TOTAL	%
Cruéis	5	-	-	-	1	6	2,00
Preguiçosos	7	8	3	6	10	34	11,33
Habilidosos	2	10	8	10	3	33	11,00
Sinceros	2	6	8	2	7	25	8,33
Alegres	5	6	4	1	3	19	6,33
Gananciosos	2	1	-	1	3	7	2,33
Organizados	-	4	-	-	3	7	2,33
Valentes	11	6	7	15	3	42	14,00
Desconfiados	7	4	6	3	10	30	10,00
Supersticiosos	9	7	12	17	5	50	16,00
Simples	5	7	9	4	12	37	12,33
Trabalhadores	5	1	3	1	-	10	3,33
						300	100%

Todos os estereótipos mencionados durante as entrevistas foram agrupadas na Tabela 3 e nos fornece as seguintes indicações:

VALENTES, foi a qualidade mais escolhida pelos operários da amostra, para designarem os índios, ao passo que nenhum dos entrevistados, desta categoria, lhes apontou o atributo organizado. Nove dos vinte entrevistados, escolheram a alternativa SUPERSTICIOSOS e sete deles vêem os índios como preguiçosos e desconfiados.

Os moradores do Lago Sul, atribuem por sua vez, o qualificativo de HABILIDOSOS aos índios, na proporção de 50% das respostas dadas. Assim como os Jornalistas e os Constituintes, nenhum deles atribuiu a qualidade de CRUÉIS aos índios. Oito porém, os acham PREGUIÇOSOS e SUPERSTICIOSOS.

Dos vinte Jornalistas que responderam à enquete, 12 deles acreditam que os índios são SUPERSTICIOSOS, 9 os acham SIMPLES e 8 HABILIDOSOS e SINCEROS.

Mais de 85% dos Constituintes que responderam ao questionário, acreditam que os índios são SUPERSTICIOSOS, ou seja, 17 dos vinte Deputados e Senadores entrevistados, compartilham o mesmo estereótipo. 15 dos vinte Constituintes entretanto julgam os índios VALENTES e a metade deles acreditam que são HABILIDOSOS.

Os funcionários da FUNAI em sua maioria, 12 entre 20, acham que os índios são pessoas SIMPLES e 50% os qualificam de PREGUIÇOSOS e DESCONFIADOS.

No computo geral, 50 pessoas acreditam que os índios sejam SUPERSTICIOSOS, 42 VALENTES, 34 PREGUIÇOSOS, 37 SIMPLES, 33 HABILIDOSOS e 30 DESCONFIADOS.

Fazendo uma análise mais geral dos dados, observamos que somente os operários e os funcionários da FUNAI, julgam os índios pessoas cruéis. Os jornalistas é a categoria entre as outras entrevistadas, que menos acreditam serem os índios PREGUIÇOSOS.

Novamente os operários e os servidores da FUNAI atribuem um menor número de opções feitas para a qualidade de habilidosos para os índios. Constata-se que somente um constituinte acredita serem os índios alegres e nenhum os julgam organizados. Desta mesma opinião, compartilham os operários e os jornalistas, enquanto 4 moradores do Lago Sul e 3 funcionários da FUNAI os contraria.

Na FUNAI se atribui menos a qualidade de VALENTE aos índios, somente 3 resposta para este quesito, bem como para a afirmativa de que os mesmos são DESCONFIADOS.

Constatamos que o maior número de estereótipos levantados por esta pesquisa, foi o de SUPERSTICIOSOS para com os índios e finalmente, nenhuma das pessoas respondeu os questionários, mencionou a qualidade de TRABALHADORES para com eles.

Não é pretensão do nosso trabalho, apresentar conclusões definitivas, porém é notório que os preconceitos e os estereótipos mencionados pelos entrevistados na pesquisa, tendem a ser depreciativos na proporção inversa do status econômico, político, social e cultural da amostra. O acesso à diversos tipos de informação, determina esta variância, permanecendo constante muito embora, outros preconceitos, que, inexoravelmente influenciam o relacionamento do homem civilizado e os atuais indígenas brasileiros.

Estes preconceitos, muito provavelmente, são os mesmos adquiridos dos padres jesuítas Portugueses, que por interesses dos colonizadores, foram difundidos por toda a colônia.

## 5 - REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- 1 - Raças e Sociologia: Preconceito e Discriminação como forma coletivas de comportamento - Recasêns Siches em Tratado de Sociologia - Ed. Globo S/A - 1968 - Porto Alegre.
- 2 - Fatores que geram preconceito - Recasêns Siches, Op. cit. página 401.
- 3 - Catequese e Aculturação - Ensaíos de Antropologia Social, Thales de Azevedo, Livraria Progresso Editora Universidade da Bahia, Salvador - 1959.
- 4 - Trabalho de Campo - Ciência Hoje - vol.3 nº 16, página 70 - Leonarda Musumeci - UFRJ - jan- 1985
- 5 - Thales de Azevedo - Comportamento Verbal e Efetivo para com os Pretos - Op. cit. página 125.